

# Concepções de Aprendizagem Musical na Orquestra Sinfônica da UFRN

Ana Claudia Silva Morais  
UFRN/IFRN  
ana.morais@ifrn.edu.br

**Resumo:** Este artigo apresenta a Orquestra Sinfônica da UFRN com o objetivo de relatar as concepções dos alunos, músicos iniciantes no grupo, sobre a sua aprendizagem musical na prática orquestral. Esse trabalho é objeto de estudo em nível de mestrado na área de Educação Musical, desse modo, foi realizada uma revisão de literatura acerca da escola especializada em música e da prática musical coletiva para embasar aspectos visualizados na prática musical, assim como, entrevista semiestruturada com o maestro do grupo e um pequeno questionário, composto de duas perguntas para cinco músicos ingressantes na orquestra por meio de amostragem não probabilística, sendo estes selecionados por conveniência. Os resultados apontaram para a consciência de que a participação no grupo orquestral estimula a escuta, aferem aspectos relacionados à disciplina, o comprometimento, o respeito aos colegas, melhoram a percepção dos alunos na prática musical em conjunto, além de proporcionar conhecimentos necessários para a profissionalização dos mesmos.

**Palavras chave:** Aprendizagem musical. Orquestra Sinfônica da UFRN. Prática Musical Coletiva.

## Introdução

A Educação Musical enquanto área do conhecimento apresenta diversos cenários de ensino e aprendizagem que se relacionam à diversidade musical de nossa sociedade. Um desses espaços, delimitado como instituição formal é a Escola Especializada em Música que ao serem estudados podem ampliar as discussões da área e contribuir com seus relatos e experiências. Esse trabalho é inspirado por uma pesquisa de mestrado em andamento, com estudos voltados para a aprendizagem musical em grupo, a qual contempla em seus estudos as relações de aprendizagem presentes em um grupo específico, a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – OSUFRN, vinculada a Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EMUFRN.

A escola especializada em música é ainda reconhecida como reprodutora do modelo conservatorial, entretanto Cunha (2009) faz um estudo sobre o surgimento e as transformações ocorridas nos conservatórios ao longo dos anos e problematiza que apesar do histórico dos conservatórios mostrarem que as escolas não são tão estáticas, apresentando uma rigidez que parece ser relativa, ainda encontramos referências onde concepções de música e de aprendizagem musical no modelo de conservatório estariam baseadas em

princípios rígidos, privilegiando o desenvolvimento de alunos considerados talentosos. Nesse sentido, a autora procura desmistificar a partir das teorias das instituições escolares o generalismo quanto ao termo “modelo conservatorial” quando aplicado aos contextos escolares especializados.

Hoje percebemos uma diversidade de perfis da escola especializada, assim como uma maior flexibilidade nas escolas livres de música, as quais não estão subordinadas às exigências da LDBEN 9.394/96 em termos de regulamentação curricular (BRASIL, 1996) e nas escolas técnicas de música, como a Escola de Música da UFRN, a qual possui currículos próprios para cada curso da instituição, conferem diplomas reconhecidos pelo Ministério da Educação e o quadro docente pertence aos cargos do Magistério de Nível Superior e Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (MORAIS; GOMES, 2014).

Assim, a concepção das formas de se aprender música atualmente passa por transformações que devem ser consideradas em qualquer contexto em que o ensino e aprendizagem musical acontecem, promovendo acesso, também, ao público que frequenta as escolas de música. Por isso, mesmo que a Escola de Música, neste caso a EMUFRN, mantenha um comportamento aparentemente tradicional, através de seleções para o ingresso em atividades ou grupos musicais, atualmente oferece outras maneiras de ingresso do aluno na instituição, as quais não serão tratadas aqui, podendo ser descritas e desenvolvidas em outro momento.

Neste trabalho visualizamos as potencialidades da prática musical em conjunto, pois de acordo com Tourinho (2007), o aprendizado se dá pela observação e interação com outras pessoas. Desse modo, acreditamos que o espírito de compartilhamento deve ser encontrado na convivência do grupo, em meio a trocas de informações e experiências, como cita Eberle (2008) ao falar sobre o momento do ensaio na orquestra, que é como uma oportunidade de troca de experiências musicais, de desenvolvimento das percepções e de entrosamento em torno da música. Portanto, apresentamos como se desenvolve o projeto de extensão da Orquestra Sinfônica da UFRN, na Escola de Música da UFRN, quanto a sua estrutura de ingresso e organização, enfatizando as concepções de aprendizagem musical através da prática de conjunto de seus participantes, sobretudo alunos que ainda não tiveram a oportunidade de participar de um grupo orquestral.

## **O projeto de *performance* da Orquestra Sinfônica da UFRN**

A orquestra sinfônica da UFRN é um grupo acadêmico, cadastrado como extensão universitária que tem como objetivo “otimizar a preparação do músico com vias a participação dentro de grupos artístico-musicais em nível de alta *performance*”(MAESTRO, 2014). O grupo recebe alunos matriculados nos cursos da instituição de nível técnico, graduação (bacharelado e licenciatura) e pós-graduação (*lato sensu e stricto sensu*). O ingresso na orquestra acontece por meio de um formulário de inscrição disposto na internet (*site* da instituição) e norteado por um edital anual denominado “Edital da Audição Seletiva para Músicos Instrumentistas” (EDITAL OSUFRN, 2014). Esse edital, geralmente, oferece vagas para todos os instrumentos da orquestra (cordas, madeiras, metais e percussão), contudo, “ter participado das audições anteriores não implica continuidade do músico na temporada de 2014 da OSUFRN” (EDITAL OSUFRN, 2014).

A audição é fechada, de forma que a banca avaliadora não visualize o candidato, julgando-o apenas pelo som da execução instrumental. Essa banca é composta de três a cinco professores da UFRN, que se modifica de acordo com execução de cada família de instrumentos, garantindo uma avaliação especializada. Os músicos concorrentes devem estudar excertos orquestrais, sugeridos pelos professores envolvidos no projeto e executá-los na audição, assim como uma leitura a primeira vista.

Embora seja visível a importância dada ao projeto de *performance* com vistas a atingir o objetivo do grupo, identificamos que a orquestra é um espaço múltiplo, onde congrega pessoas com níveis diferentes de apropriação no instrumento, com ideias, pensamentos e objetivos pessoais diversos, pois o fazer musical na prática coletiva da orquestra sinfônica da UFRN se configura na prática de conjunto como um laboratório de música, no qual a aprendizagem musical se apresenta de maneira efetiva no desenvolvimento musical instrumental, individual, coletivo e social. Nesse sentido, concordamos com Arroyo (2000) ao pensar que,

Práticas de ensino e aprendizagem de música são muito mais do que ações musicais acompanhadas dos tradicionais elementos pedagógicos que compõem a educação escolar/acadêmica: objetivos e conteúdos. As práticas de ensino e aprendizagem musical, como reprodutoras e produtoras de significados, conferem ao ensino e aprendizagem de música um papel de criador de cultura (ARROYO, 2000, p.15).

Sendo o cenário da orquestra de alunos de caráter formativo, as aprendizagens no instrumento, com o colega, com o maestro, entre outras, acontecem naturalmente “dentro de uma postura ética e de respeito aos colegas” (GUERCHFELD, 1989, p.66), não havendo, dessa forma, o estudo da técnica instrumental, mas a aplicabilidade da mesma através da prática de conjunto em um grupo heterogêneo. Desse modo, a prática musical de orquestra é uma ferramenta/alternativa importante para a educação musical e para o ensino e aprendizagem dos sujeitos que dela participam. É um espaço onde se trabalha conjuntamente, promove-se o diálogo e além da concorrência entre músicos, comum nesses grupos de formação orquestral, encontra-se também, a colaboração entre pares.

Assim, OSUFRN desenvolve sua *performance* de maneira processual e coletiva, e a aprendizagem musical permeia por esses processos de apreensão do conhecimento estilístico, cognitivo, social e humano. Nesse sentido, concordamos com Joly; Joly (2011) ao dizer que “o grupo instrumental constrói, na sua trajetória de aprendizagem musical, uma identidade específica como grupo, que, por sua vez, pode abrigar e valorizar a diversidade, a solidariedade e apoio às diferenças” (JOLY; JOLY, 2011, p. 81).

## **O fazer musical coletivo na prática orquestral**

Entendendo a importância da prática musical em grupo e com interesse nas concepções dos alunos questionamos cinco músicos, tomando como critério alunos ingressantes na orquestra (temporada de 2014) de maneira aleatória para a efetivação dos questionamentos. Os mesmos não são identificados nesse texto, sendo representados apenas como ALUNO OSUFRN. Dessa forma, as perguntas consistiram em: 1. Qual a importância de fazer parte de uma orquestra para sua formação musical? 2. O que você mais aprende ao participar da orquestra?

Considerando que cada contexto obtém particularidades e objetivos próprios e são significativos para todos os envolvidos na prática musical, buscamos as falas dos músicos para compreender na individualidade de cada um, enquanto participantes ativos do processo de formação musical, quais suas reflexões acerca da prática desenvolvida por eles. Nesse sentido, Arroyo (2000) afirma que:

Para o olhar antropológico, o que importa são os significados locais, isto é, como cada agrupamento humano confere sentido às suas práticas culturais,

incluindo aí as músicas. Assim, os significados dos fazeres musicais devem ser considerados em relação aos contextos socioculturais e aos processos de interação social que lhes deram origem. Em outras palavras, o olhar antropológico é relativizador, porque considera que todas as práticas culturais são particulares e, portanto, igualmente relevantes (ARROYO, 2000, p.16).

Assim, referente à primeira pergunta, a qual questiona a importância de se fazer parte de uma orquestra percebemos que na Orquestra Sinfônica da UFRN, os alunos relacionam seu fazer musical em grupo com a perspectiva futura da profissionalização, considerando a oportunidade de aprender em um grupo acadêmico, como se comportar e agir em um futuro grupo orquestral profissional almejado por eles, como relata o aluno:

Pra mim, a experiência que eu tenho a adquirir até fazer um concurso e a experiência de prática de conjunto de estar sempre ouvindo, sempre observando o que eles estão fazendo, a batuta do maestro pra onde vai, é muito importante pra mim porque eu entrei agora e eu preciso adquirir essa experiência, até entrar na graduação me formar e fazer um concurso (ALUNOa OSUFRN, 2014).

Entretanto, os alunos reconhecem ainda que a orquestra é um grupo misto, heterogêneo em comportamentos, sonoridades, pensamentos, etc. e a cada ensaio, apresentação ou qualquer atividade realizada pelo grupo é momento de aprender a conviver, ouvir, tocar e socializar-se com o outro, como afirma o aluno:

A vivência dentro de uma orquestra sinfônica tem muitos aspectos importantes, a adaptação com outros instrumentos, com a quantidade de instrumentos em cada naipe, conviver com a experiência do maestro, o que ele ensina em relação a cada peça que a gente toca, de cada época, de cada compositor, como deve ser tocado, isso engrandece muito o nosso conhecimento, muito mesmo! Eu como novato tenho tido dificuldades com relação à contagem, regência, tenho percebido a diferença entre um regente e outro, temos mais dois auxiliares [do maestro] aqui, eles regem de maneiras diferentes e a gente tem de aprender a se adaptar, tudo isso ajuda no nosso crescimento e a se adaptar mais rapidamente as coisas, que a gente vivencia dentro da música. Essa é uma das experiências mais importantes que eu to tendo aqui com a orquestra (ALUNOb OSUFRN, 2014).

Quanto ao segundo questionamento, no qual investiga o que o aluno mais aprende em fazer parte do grupo orquestral identificamos que os alunos apreendem em aspectos como disciplina, comprometimento, respeito aos colegas, compartilhamento e aspectos como

afinação, apreciação, escuta atenta, percepção do todo e prática musical em conjunto, como observamos nas suas falas:

O que eu mais aprendo é ter mais confiança, adquirir mais experiência, ser mais correto nas coisas... não chegar atrasado, chegar sempre na hora, respeitar os colegas, respeitar os limites, respeitar o chefe de naipe, todas essas coisas. Musicalmente, o músico, ele cresce muito numa orquestra, ele aprende a ter uma afinação melhor, aprende a ouvir melhor os outros e isso acaba desencadeando consequências maravilhosas, coisas grandes, o músico, ele cresce muito musicalmente quando está tocando numa orquestra (ALUNO<sup>c</sup> OSUFRN, 2014).

Eu aprendo a ficar homogêneo com os outros músicos, é totalmente diferente de tocar sozinho, a convivência com os músicos, perceber arcadas diferentes, perceber solos de músicas, de outros instrumentos... o que é mais importante eu não sei dizer, o mais importante é eu estar aqui! (ALUNO<sup>d</sup> OSUFRN, 2014).

A partir dessas falas e concepções dos participantes da orquestra sobre a aprendizagem musical a qual vivenciam, percebemos que os alunos conseguem identificar e refletir a respeito da sua prática, estando imersos em um ambiente heterogêneo, mas com um objetivo em comum: torná-lo homogêneo musicalmente. Os alunos compreendem que é necessário dar atenção ao outro sujeito, ouvindo os colegas, os naipes, estar atento às conduções do maestro, dentre outras atividades inerentes à orquestra, pois o fazer musical na prática coletiva proporciona práticas e formações musicais.

## Considerações Finais

A educação musical se efetiva no contexto orquestral através da prática musical em conjunto. Assim sendo, após as observações em campo e ao conhecer as concepções e reflexões dos alunos da OSUFRN percebemos as diferentes formas de aprender coletivamente, visto que os relatos dos alunos contribuíram significativamente para entendermos de maneira mais próxima os aspectos diretamente relacionados ao fazer musical de cada um, quanto ao interesse na vivência coletiva para a sua profissionalização, a preocupação relevante em ouvir o colega de grupo, a importância do fazer musical em grupo diferenciando-o da atuação do músico solista, a representatividade da prática musical de maneira pessoal, dentre outros aspectos, assim como a interação sociomusical comum nesses grupos.

Dessa forma, acreditamos que a temática ainda deverá ser explorada, visto que se trata de um amplo universo de conhecimentos e possibilidades para a formação musical em contextos como a escola especializada em música, os quais poderão apontar novas perspectivas e entendimentos referentes ao ensino e aprendizagem musical, promovendo assim, contribuições significativas para a área de Educação Musical e para a *performance*.

## Referências

ALUNOa OSUFRN. Entrevista concedida em jul. 2014. Gravação em vídeo.

ALUNOb OSUFRN. Entrevista concedida em jul. 2014. Gravação em vídeo.

ALUNOc OSUFRN. Entrevista concedida em jul. 2014. Gravação em vídeo.

ALUNOd OSUFRN. Entrevista concedida em jul. 2014. Gravação em vídeo.

ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. Revista da *Abem*, Londrina, N.5, p.13-20, set. 2000.

BRASIL. Presidência da República. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 1996.

CUNHA, Elisa da Silva e. *Compreender a escola de música como uma instituição: um estudo de caso em Porto Alegre/RS*. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

EBERLE, Soraya Heinrich. “*Ensaio pra quê?*” – reflexões iniciais sobre a partilha de saberes: o grupo de Louvor e Adoração como agente e o espaço formador teológico-musical. São Leopoldo, 2008. 110f. Dissertação (mestrado em teologia), Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós- Graduação, Religião e Educação.

EDITAL OSUFRN. *Orquestra Sinfônica da UFRN*. Disponível em: <[http://www.musica.ufxx.br/em/?page\\_id=1470](http://www.musica.ufxx.br/em/?page_id=1470)>. Acesso em jul de 2014.

GUERCHFELD, Marcello. A orquestra de câmara como experiência didática. *Opus*. V.1, dez. 1989.

JOLY, Maria Carolina Leme; JOLY, Ilza Zenker Leme. Práticas musicais coletivas: um olhar para a convivência em uma orquestra comunitária. Revista da *Abem*, Londrina, V.19, N.26, p.79-91, jul-dez 2011.

MAESTRO. Entrevista concedida em 10 de mar. de 2014. Gravação em áudio e vídeo.

TOURINHO, Ana Cristina Gama dos Santos. Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos e um pouco de história. In: XVI Encontro Nacional da Abem e Congresso Regional da ISME na América Latina, 2007, Campo Grande. *Anais do XVI Encontro Anual da Abem e Congresso Regional da ISME na América Latina*, 2007.

MORAIS, Ana Claudia Silva; GOMES, Carolina Chaves. A escola especializada como espaço de formação plural: um panorama geral para um estudo singular na EMUFRN. *Anais do III Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso: práticas discursivas, linguagens e ensino*, 2014.